

# Gaiato

27 DE OUTUBRO DE 1973  
ANO XXX — N.º 773 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## FILHOS ILEGÍTIMOS

As nossas Casas de África são povoadas quase totalmente por mestiços. Várias pessoas que nos conhecem mal perguntam se temos muitos brancos, se muitos pretos... Daqueles, alguns marcados pela orfandade, pelo descabro da própria família, pelo abandono; destes, menos ainda, que a solidariedade e o sentido de responsabilidade familiar dos povos mais primitivos é uma lição para os que se consideram civilizados. Os filhos sem pai, sempre deslocados no seio dos grupos sociais a que pertencem os progenitores, são a nossa parte. E nisto não há substancial diferença entre as nossas Comunidades metropolitanas e africanas. Mais morenos ou mais alvos, o denominador comum é a ilegitimidade — o carácter que ela imprime.

Quanto a esta, o que mais nos dói (dor antiga que não há meio de encontrar remédio!) é a irresponsabilidade consentida, a impunidade. Atira-se um ser humano para a vida com a inconsequência de quem joga ao lixo um objecto inútil. Mas, enquanto em certas terras mais briosas os respectivos edis fazem campanha para o asseio das ruas e tomam medidas repressivas, estas não atingem o «lixo» humano, ao qual não falta a nobreza, que falta, sim, a quem o produz e o consente. Neste «lixo», a cada passo se encontram tesouros que a inconsciência dos responsáveis não reconheceu. É preciso então que a misericórdia do Pai Celeste se exerça para o restabelecimento da Justiça, mediante a vocação de pessoas a quem Ele dá olhos de ver e coração para amar as jóias perdidas no monturo.

Contudo, nem sempre há a inconsequência, a irresponsabilidade, graças a Deus. Ainda ontem me aconteceu uma experiência destas. Toca o telefone. Do outro lado, uma voz de homem apela:

— Sou motorista. Tenho dois filhos. O senhor sabe o que são madrastas...? Queria que mos recebesse aí. Eu posso dar alguma coisa para ajudar.

Tentamos explicar-lhe que não é somente o problema da vaga que, para já, não existe; mas que somos para os mais pobres, os mais abandonados; que os filhos dele ainda têm um pai que se dói por eles; e que são chusmas deles que nunca souberam de pai, que nunca encontraram compaixão senão em algum estranho com entranhas que foi testemunha do seu viver.

— Padre — voltou ele à carga — os meus filhos conhecem o pai, mas não o carinho do pai. Eu sou camionista: Sabe o que é?... É dias e noites e semanas fora de casa. Os meus filhos têm pão e têm cama. Mas quem lhes dá educação? Eu queria encontrar quem lhes desse carinho.

Não tive argumentos. Não lhe disse o sim porque não há lugar; e há — eu sei — imensas outras necessidades já postas, que compete a Pe. Manuel António julgar. Mas não tive argumentos. Balbuciei para o outro lado da linha, o meu res-

Os filhos sem pai  
— os ilegítimos —  
são a nossa parte...  
Eis Armelino nos braços do «Timpanas».



### UM AVISO aos nossos Amigos de todo o País

É verdade. A burla repete-se outra forma...! Demos a palavra ao nosso Padre Abraão:

«Recebemos vários telefonemas no Lar do Porto a dizerem que anda pelas portas um rapaz de mais ou menos 17 anos a cobrar assinaturas de «O Gaiato» por 80\$00 anuais. Uns cairam; outros não. Alerta, neste Jornal, todos os leitores.»

A citação revela o indispensável. Mas convém esclarecer que, por sistema, nunca fizemos nem fazemos cobrança de assinaturas pelos nossos Rapazes. Só por intermédio dos CTT — e a reduzido número de pessoas que a exigem, por razões ponderáveis que respeitamos. Como respeitamos o devotadíssimo trabalho de alguns Amigos, — poucos, diríamos raros — que se dispõem a fazer recolhas nas empresas onde exercem a profissão ou àqueles que directamente inscreveram como assinantes.

O preço do nosso Jornal e a satisfação do compromisso da assinatura, repetimos, são ao arbítrio do leitor — característica peculiar do «Famoso».

Enfim, quando surgirem levianos ou levandades iguais ou idênticas à que motivou este aviso, o melhor processo, talvez incómodo, será pedir — em flagrante delicto... — a intervenção da autoridade mais próxima. Para grandes males, grandes remédios.

J. M.

Cont. na QUARTA página

## Tribuna de Coimbra

Hoje tive um dia todo familiar ao serviço dos nossos casados. Logo de manhã veio o Luís com seus dois filhinhos — Luís e Elsa Maria. Trabalha em Coimbra e a mulher tem estado doente. Veio buscar nossos bois para fazer não sei o quê. Enchi de rebufados os bolsos dos filhos e com um beijo nos despedimos. Vi-os partir contentes e contente fiquei.

Depois fui chamado a casa doutro. Ele e a mulher estão empregados e ganham bem. Em vez de casa ele quis comprar um carro e o carro pode ser mau companheiro. Sossega pouco em casa e a mulher queixa-se. Não o encontrei naquela tarde, mas voltarei para dizer uma palavrinha. Eu sou pai e não de aceitar me. Trouxe o muitas vezes ao colo e tirou-me horas de descanso. Há tempos o sogro disse-me que desejava que os filhos fossem educados como o genro. Tenho confiança que me há-de escutar. O amor há-de vencer sempre.

Passei por casa da Otilia a vê-la e a ver o menino. A Otilia era casada com o Joaquim que Deus chamou há um ano. Eram felizes no seu amor

e a vida sorria-lhes. A morte veio como um ladrão. A Otilia agarrou-se à vida. Deus tem estado com ela.

A Otilia tinha ido ao cemitério e fui encontrá-la já em casa da irmã, mulher do nosso Machado. O Machado estava no seu quiosque da Praça da República. Em casa estavam também as três filhinas. Gostei muito de as ver. Conversámos algum tempo e tive de seguir viagem, pois estavam outros à espera.

À noite, chegou o Augusto. Veio de Lisboa para combinar o casamento. O Augusto conta casar com uma rapariga da Madeira, onde foi agora passar dez dias a conhecer a família. Veio dizer-me do grande desejo que tem em que seu casamento seja em nossa Casa e apresentou razões de muito peso dentre as quais não ter ninguém de família e vir para nossa Casa quando ainda não tinha três anos. Tudo ficou alinhavado, à espera da confirmação.

Que a Família de Nazaré, padrão de todas as famílias, seja nossa Luz.

Padre Horácio

# PELAS CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

CARAS NOVAS — Chegaram nestes últimos meses dezasseis, que há muito esperavam rumo de vida e condições necessárias para uma vida de família mais capaz de amar; portanto, necessidade do nosso apoio. Aqui decerto que convivem mais uns com os outros e dá a impressão que se sentem todos alegres. Valha-nos ao menos isto. Pois a alegria também faz parte da nossa vida.

CACHORROS — Chegou a altura da nossa cadela ter cria. Deu quatro cachorras e dois cachorrinhos. Estes e uma cachorrinha já nasceram mortos. Temos agora três cachorrinhos que são o encanto de todos. São muito engraçadas! E o que elas brincam com os «Batatinhas»! Não é de admirar, porque afinal todos gostamos de animais.

É curioso, quando eu escrevia este apontamento pedi a alguns que estavam junto de mim, para me esclarecerem de algum assunto a este respeito. O «Tózé», que era talvez o mais anedota, saiu-se com esta: «Diz que as cachorritas, quando estão com fome, atiram-se com toda a força às tetas da mãe! Ora eu, como sou um pouco comilão, claro que achei logo piada e resolvi mandar a anedota para o jornal».

Não sei se foi anedota, se não; mas é natural que...

Antes de terminar quero dizer que a mãe das cachorritas foi-nos oferecida na Guarda e, por isso, lhe chamamos «Guarda».

Manuel António

## Praia de Mira

O nosso grupo de obreiros voluntários continua a construção da nossa casa na praia — terminado o tempo de férias.

Nestes dois meses e tal já fizemos muito: Um pavilhão (onde ficarão as camaratas) anda a ser telhado; outro, já lhe sobem as paredes!

Hoje, não é difícil reconhecer a necessidade duma casa na praia. Duvido que haja, ainda, quem se interrogue: «Porque fazem eles uma casa à beira-mar?»; e conclua: «isso é para os ricos». Pode ser que ainda alguém pense assim... É fácil responder. Mas para quem nos conhece mostra-se evidente.

Primeiro, a casa não é «à rica». Tem as dimensões mínimas para um grupo de rapazes (que não pode

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Gaiato

ser muito grande) e é muito funcional.

A necessidade da sua construção talvez a ajude a justificá-la. É muito bom acampar, tratando-se de um grupo metódico e asseado — como o dos maiores. Gostam e apreciam a salubridade do ambiente da floresta. Mas até para estes houve, este ano, certos inconvenientes: Choveu. Estivemos uma noite em branco. E alguns saíram das tendas para enterrar um machado — com medo das faíscas. A trovoadra situava-se mesmo por cima do local... Pelo mesmo motivo passou-se o dia seguinte dentro das tendas — o que é pouco agradável.

Tratando-se do grupo dos mais pequenos — os «Batatinhas» — redobram os inconvenientes. Não se importam, naturalmente, se o local é saudável ou não; apreciam, em primeiro lugar, a liberdade do campo. Se chove, não acordam; mesmo ensooados e fora da tenda — como fui encontrar o Aníbal. No dia seguinte, tossiam; e alguns com febre. O Joãozinho era o que mais sofria! Volta e meia estava deitado: «Me dói a cabeça» ou a «baliga»... E, à noite, tinha de ser medicado, o que se tornava difícil — por falta de despertador. O pior da questão era o asseio! Não se conseguia ter o chão do acampamento isento de papéis e plásticos... Recolhidos agora, daqui a pouco estava tudo como antes. Para eles, toda a floresta é WC, embora tenhamos instalações à nossa maneira e recatadas. Mas, por ser um bocado incómodo, por medo de cair ao buraco ou ir lá de noite, quando o vento muda sente-se a diferença no odor...

Certa vez estávamos alguns sentados à mesa, quando ouço: «Olha! olha! olha!...». Era o Pedrinho, de três anos, chegado há três dias. Baixava as calças e fazia as necessidades mesmo ali, no meio do acampamento, se não acesse num instante!

Por tudo isto, estamos a construir a casa na praia de Mira. Ela vai ser mais um fruto bom do amor com que a construímos.

Lita

## MALANJE

Uma cena da comédia «Uns com mem os figos, aos outros rebenta a boca», com todo o elenco no palco.



## SETÚBAL

DESPORTO — Comprámos um equipamento novo de futebol. Uma ideia — há tanto tempo acarinhada pelos rapazes — que agora se torna realidade. A estreia está para breve e perdura, ainda hoje, o sentido de novidade. Até quando?!... Um fato de treinador e mais uma bola para pelado (com duração para duas épocas — não sei se isto é só publicidade!) vieram completar o que nos falta de material futebolístico. Mais uma bola, também não estaria mal. Mas como somos pobres, satisfazemo-nos também com pouco! Alimentamos, como um desejo natural e até doce aspiração, desenvolver muito mais em prol do desporto e da cultura e franco convívio que o mesmo imprime à juventude.

Gostaríamos, sim, de fazer muito, mas os proventos, as verbas, é que são poucas para torrear tantos obstáculos. Está de pé, ainda, o propósito de desenvolver a prática do voleibol e do hóquei em patins. E necessário se torna que ele não morra...

TEMPOS LIVRES — Até mesmo a sala para os maiores, que de há longa data era apenas um sonho, é hoje uma concretização. Tem já uma máquina Cimbali, de café, um frigorífico, um gira-discos; falta-lhe um rádio e a canalização de água. Está pobre, está simples, mas tem já o mínimo indispensável de harmonia e conforto para passar ótimas horas de lazer. Esta sala, com duas mesas em fórmica e ferro e um bom número de cadeiras condizentes com as mesas, enche-se nas horas extra-trabalho duma enorme algazarra, de jogos, de café, de música e bebidas frescas.

SALA DE ESTUDO — Com vistas mais largas e um paleio bem aproveitado, será a vez dum lugar de estudo e silêncio, muito ao género de biblioteca. Para quando? O tempo o dirá, mais as ajudas desinteressadas. Não insistimos muito em bater esta tecla...

Ante tudo isto, retiramos já uma coisa: — outrora, eram ideias que persistiam; hoje, é já o esforço e a concretização dessas ideias que subsistem. Há mais para fazer, muito mais, mas o futuro terá uma palavra a dizer.

Um apontamento ainda: Não

queremos sobras ou velharias que não prestam para nada. Queremos é algo útil — que implique sacrifício e doação generosa sem reservas.

Rogério

## BENGUELA

«Deus queira...», «Valha-me Deus...» e «Ai vida...!» — são expressões bem frequentes que ouvimos em quase todos os momentos da nossa vida quotidiana.

Tenho meditado assiduamente nestas várias expressões, principalmente na última, porque penso que ainda não aprendi a viver, já não sei viver, tudo em mim é absurdo e até os meus passos na vida são errantes, sem qualquer sentido. O porquê não sei, embora nada me falte graças a Deus. Já várias vezes perguntei para mim: mas o que vem a ser a vida e qual o seu sentido?

Sei que ela não pode ser para todos um mar de rosas porque senão este nosso mundo andaria todo de pernas para o ar.

Um dia resolvi fazer uma dessas perguntas a alguém que julguei capaz de elucidar-me a este respeito e este, seguindo a ordem de ideias de um poeta, dizia-me que «a vida é uma complexificação da matéria» e não sei quantas mais coisas, ou melhor, só paleio falso, que me deixou ficar na mesma. Em meu próprio critério, julgo a vida ser tudo aquilo que falta a um morto; por isso que, se todos aqueles que, como eu, pensam mal da vida, reflectirem e entrarem bem dentro de si, automaticamente mudarão de ideias porque verão em si pessoas vivas de carne e osso — como qualquer outra que leve uma vida regalada.

Lembro-me ainda que há bem pouco tempo, numa das nossas orações em comum, o sr. Padre Manuel dizia que cada ser humano tem extraordinariamente dentro de si um desejo enorme de viver.

A medida do progresso do mundo, a vida continua e continuará a evoluir, a modificar-se; é através da experiência do homem que vai criando a Ciência, a Filosofia, para nelas poder obter resposta às interrogações: O que é o Homem? O que é o Mundo? Quem sou, donde venho e para onde vou? E ainda muitas outras...

Ora bem: ser homem não é ter uma altura normal ou o facto de ter

uns pêlos na cara, como me dizia uma vez o Móio, ao qual por causa disso, teríamos de passar a chamá-lo Varito Falcão e não o nome anteriormente dito, porque já começou a ter bigode.

Ser homem, na verdadeira acepção da palavra, é cada um procurar assumir a sua responsabilidade sob a perspectiva do mundo e caminhar para uma maior humanização, ou melhor: quando agirmos nos nossos vários problemas — que todos os temos sem dúvida — termos pelo menos em mente uma lúcida Consciência, uma dinâmica capacidade, responsabilidade pelos nossos actos e, sobretudo, uma adulta maturidade.

Não nos devemos esquecer também que todo o homem tem em si a sede de amor, mas, infelizmente, muitos não sabem que o verdadeiro amor começa por nós próprios; por isso que Cristo veio ao mundo ensinar-nos que somos todos iguais sem distinção de cores e de peles.

Disto não tenhamos dúvidas nenhuma, que a vida é um problema bastante complexo de resolver pelo homem.

Perante a vida o homem encontra tantas vicissitudes que, muitas vezes, consegue vencê-las e outras é vencido; e para isso é preciso ter coragem sem nunca desanimarmos; e para nunca sermos chamados na vida uns vencidos, ou então uns «coitadinhos» por todos aqueles que por nós passaram, porque enfim não temos outro nome adequado a não ser este.

Importa mais a qualidade da vida que se leva do que a própria vida. A vida tem um segredo, segredo este que se encontra na própria vida, na plenitude das actividades orgânicas, intelectuais e espirituais do nosso ser.

Diz um dos Mandamentos da Lei de Deus que devemos respeitar a vida. Por isso, é proibido ao homem matar o seu semelhante, ou matar-se a si próprio; mas, de qualquer maneira, o homem pensa que o mundo é todo dele e ainda não conseguiu compreender e acatar bem este Mandamento. Por isso, na medida em que a civilização for trazendo novas técnicas, o homem vai arrançando sempre novos processos para assassinar e destruir os outros homens. Por isso, é que temos a guerra em vez da Paz e este nosso mundo não vai sendo cada vez melhor.

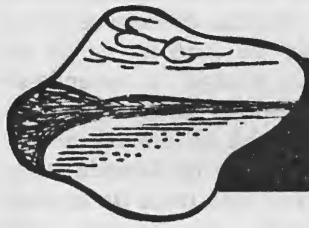
José Manuel Aleixo

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — Na última edição, por falta de espaço, não pudemos mencionar os donativos recebidos. Aqui vão os correspondentes a um mês:

Na frente, segue um velho amigo, embarcação, com 50\$00. Mais um cheque, de quem nos recomenda: «Não se esqueça de ignorar o meu nome». Mais 100\$00 da Guarda «por uma intenção particular». O mesmo do Porto, em vale de correio. Mais uma





# SETUBAL

A propósito da minha local em «O Gaiato» de 15 de Setembro passado recebi de um Amigo uma carta de discordância que achei oportuna publicar, porque não expliquei claramente as razões que me fizeram «gelar a espinha dorsal» ao ouvir anunciar, numa Celebração Eucarística, a realização de um chá-canasta a favor dos Pobres, depois de eu ter falado «forte e rijo do compromisso de Jesus com o Pobre abandonado» e porque a carta traz razões que me parecem estar ainda na mente de muitos cristãos:

«O sr. Padre Acílio pretende impor o espírito do Cristo Vivo a uma Sociedade desvairada que, se sobrevive, é porque esquece o momento de ontem para poder viver o de hoje. Está-lhe já muito remota no espírito a imagem de Cristo e do que necessita é de êmulos reais e palpáveis, que poderiam, e deveriam ser, muitos de nós, mas que, por vocação, teriam de ser todos os que abraçaram a Causa do mesmo Cristo.

...Como há-de Cristo estar presente nestes ao ponto de dedicarem ao Pobre (que não existe por sua exclusiva responsabilidade) mais do que as suas sobras?

«pequena gota para os nossos irmãos desprotegidos», da assinante 11162, do Porto. Mais um valioso donativo de uma senhora amiga, de Barcelos: «Sou uma anónima — não se esqueça!» Mais 100\$00 de Gavião, Alto Alentejo. Destino: «para o que acharem melhor». Delicadeza cristã! Mais uma carta, que não resistimos a transcrever:

«Caríssimos Vicentinos  
Eu e Ela voltamos novamente junto de vós, com muito carinho...

Esta pequena ajuda para os vossos tão amados Pobres, nós a oferecemos pela felicidade duns noivos que casaram recentemente pela Santa Igreja, e que nos são tão queridos.

Assim iremos limpando o tal carunchão, até que brilhe o metal que não se corrompe.

Muito amigos

Eu e Ela»

Enquanto o mundo se compraz — velada ou desveladamente — a rasgar laços sagrados do Matrimónio, graças a Deus não faltam almas a seguir-lhe. E de que forma!

Mais «uma pequena ajuda. Pode ser aplicada por alma de minha mãe?». Porque não? Já o disse. E cumpriu.

Finalmente, o costumado da assinante 17022. E «sim, recebemos» um vale de correio, no valor de 100\$00, da rua Alexandre Herculano, Lisboa: tendo esclarecido esta leitora — e aproveitamos para esclarecer todos — que as importâncias deverão ser remetidas — ou expressamente assinaladas — com o seu destino: Conferência Paroquial de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal «O Gaiato», Paço de Sousa. Assim, evitam-se errados encaminhamentos.

Júlio Mendes

E se estas sobras lhe forem entregues em resultado de um chá-canasta, por que censurá-los? Aproveite-se o que de outro modo não viria e demos graças por assim conseguirmos alguma coisa. Não se realizam quermesses, arraiais, festas religiosas e até mesmo touradas com fins beneficentes? E assim, sr. Padre Acílio, não acha natural que uma bem intencionada senhora de Sociedade realize um chá-canasta para colher donativos, sabendo de antemão que, por processos apenas persuasivos ou doutrinários nada conseguiria? Parece-lhe que a sua boa intenção seja por este facto desvirtuada?

Se esta senhora terminar o chá com um: «Em nome dos Pobres, obrigada», não estará a fazer doutrina à sua maneira?

E não poderemos consolar-nos com a ideia de que quem perdeu perdeu de melhor vontade por saber que o seu pecúlio se destina a uma obra meritória e não ao bolso de um endinheirado parceiro de jogo?

Quando a organizadora da festa ler o artigo do sr. Padre Acílio do dia 15, não sentirá «gelar-se-lhe a espinha» ao pensar que nada se aproveitou da sua boa vontade?

Tenho V. e todos os padres da Obra do Gaiato, na mais subida admiração e respeito...

Cristo, porém, viveu numa época em que era possível prescindir do pouco ou muito que se possuía, pois a Natureza era pródiga e a Hospitalidade ao caminhante era ponto de honra do Seu Povo. Sem quebra do sentido das realidades, podereis vós pedir hoje o mesmo? Não! Os processos têm de ser outros, mais práticos e menos exigentes,

sob pena de se ferirem as susceptibilidades dos bem intencionados sem que se tenha conseguido catequizar os indiferentes.

É por isso que não posso concordar com a rigidez do seu artigo.»

O espírito de Cristo apresenta-se para ser aceite por quem quiser; ninguém pode pretender impô-lo. A sociedade de hoje vive desvairada porque se afunda no materialismo e porque em vez de ter «émulos reais e palpáveis» encontra esteios apodrecidos de cujo apoio sente repulência.

Em parte nenhuma do Evangelho encontro Jesus a aconselhar a doação das sobras ao necessitado. Pelo contrário, Ele exalta o Óbulo da Viúva. Ao homem que lhe afirma guardar os Mandamentos, Jesus acrescenta: falta-te uma coisa: «Vai, vende tudo o que tens, dá o

dinheiro aos Pobres e terás um tesouro no Céu; depois vem e segue-Me». E aos discípulos por várias vezes: «Não acumuleis tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os corromem...».

«Aproveite-se o que de outro modo não viria...» Quem lhe disse que não virá de «outros modos»? Pai Américo sempre se insurgiu contra esta forma de «fazer caridade». A sua Obra vive porque de «outros modos» os meios lhe vêm. E não se alicerça em subsídios do Estado, repele testamentos, nunca organizou nem «quermesses, arraiais, festas religiosas e até mesmo touradas». Não faz rifas nem tómbolas. Se a Obra alguma vez cair nos «modos» que aponta será o fim. Perderá o vigor da Mensagem e da Vida.

Que os pagãos façam assim, nada temos a censurar. Os pagãos são homens que sentem a seu modo a situação dos Pobres e a seu modo promovem ajudas. Que senhoras de uma Conferência Vicentina assim procedam não acho nada cristão.

O que refere da época de Jesus Cristo não é histórico,

quero dizer não é real. A Natureza de hoje é muito mais pródiga e a hospitalidade do tempo de Jesus era muito mais rasa; basta pensarmos no Seu nascimento e na parábola do Samaritano.

Com «sentido da realidade» nós hoje pedimos «o mesmo» e os «nossos processos» sendo os mais «exigentes» são os mais válidos. Eu falei em seis Igrejas e deram-me mais de cem contos.

O anúncio a que me referi, depois de ter mostrado chagas sociais ao vivo, de ter falado do compromisso vital de Jesus com cada homem, e na Celebração Eucarística o mistério da entrega total e pura de Cristo-Amor — o gelo apoderou-se de mim por sentir que alguns nada tinham percebido do que eu pregara.

Jesus diz-nos: «Seja este o vosso modo de falar: sim sim, não não; tudo o que for além disto procede do espírito do mal». Não podemos fazer misturadas. Mais do nunca a hora de hoje exige de nós clareza de ideias, de processos e de vida.

Padre Acílio

## Novos Leitores de «O Gaiato»

### ● CORRESPONDÊNCIA

A coluna de novos Leitores — como sempre — vai recheada. Graças a Deus! São portugueses residentes na Europa, na África, na América. E também alguns estrangeiros. Um mundo de gente: mais de 100 novos assinantes!

A correspondência revela um estado d'alma que escalda. E apaixonada. A nossa frente passam cristãos e homens de boa vontade; licenciados e operários, brancos e de cor — de mãos dadas. Todos possuídos da mesma inquietação. Todos irmanados no mesmo objectivo: um Mundo Melhor.

Começamos por um «Pobre Operário»:

«...Peço me considere entre os novos assinantes, começando assim uma vida nova. Junto deixo ficar... para a assinatura deste ano — se é que esse dinheiro chega. No entanto, também sei que o «Óbulo da Viúva» tem valor diante de Deus. Sim, porque eu sou um pobre operário com salário pequeno e com mulher e 6 filhos...»

Outra carta, rica de significado:

«Dentro da verdadeira linha do Vaticano II está a Obra da Rua, que é basicamente uma Obra de amor e de presença da Igreja no Mundo. Assim testemunhei quando conheci e andei com o Padre Américo pela Quinta da Misericórdia em Coimbra; assim viveu minha Prima... Nasceu limitada de saúde mas com grande alma para amar o Próximo, espalhar à sua volta alegria e paz. A N. tinha a paixão da Obra da Rua, o seu jornal era «O Gaiato». A sua memória e do fundador da Obra continuam a remeter «O Gaiato». Deus guarde a Obra da Rua.»

### ● DE NORTE A SUL DO PAÍS

Vamos procurar resumir a procissão. Registamos, assim, novos assinantes de Cidai (Bougado-Trofa), Miramar, Tondela, Paço de Sousa, Carcavelos, Coimbra, Sacavém de Cima, Rio Tinto (Gondomar), Ponte de Lima, Braga, Moscavide, Estoril, Cadaval, Guifões (Matosinhos), Portalegre, S. Jorge da Beira (Fundão), Guimarães, Almada, Óbidos (Olival-Norte), Ilhavo, Espinho, Santo Tirso, Mafra, Barreiro, Rebdeira (Amadora), Ceira (Coimbra) e uma lista de quinze funcionários bancários de Ovar!

De Lisboa e Porto, um grupo numeroso.

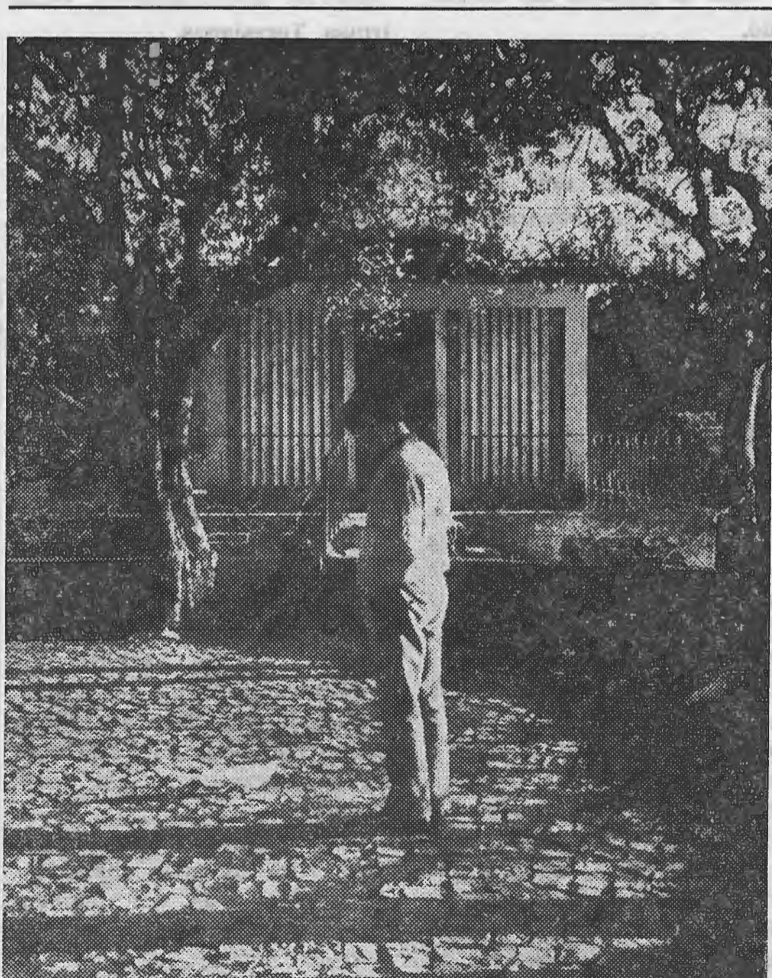
### ● ULTRAMAR

Angola segue representada por Quiculungo, Luanda, Goulungo-Alto, Canhca, Santa Comba, Duque de Bragança, Salazar, General Machado, Carmo e Dondo.

### ● ESTRANGEIRO

Presenças de França: Lauterbourg, Ezy e Sartouville; de Inglaterra: Slough Bucks; da Alemanha Federal: Dielingen; e do Brasil: Hirapuera (S. Paulo), Meier e Curitiba.

Júlio Mendes



MIRANDA DO CORVO — Dar de comer a quem tem fome.



É já um eco saudoso a minha primeira viagem ao Ultramar Português — mais propriamente a esse pedaço indivisível de Portugal que se chama Angola — mercê da iniciativa do Movimento Nacional Feminino.

Acontece que «O Gaiato», jornal doutrinário por natureza da Obra do qual emana, não quer furtar-se ao convívio dos seus leitores, com o relato singular, feito pelo seu representante, que a Angola se deslocou, integrado na comitiva da Imprensa Regional.

Eram 0 horas e vinte minutos do dia 29 de Agosto quando aterrámos no Aeroporto de Luanda. Fomos recebidos por senhoras do M. N. F., várias autoridades locais e elementos do CITA — Centro de Informação e Turismo de Angola.

Que dizer de Luanda?! Uma enorme cidade! Uma grande Capital! Avenidas rasgadas, ruas amplas e compridas, trânsito intenso e um vai-vem contínuo de gentes que labutam nas mais diversas actividades.

A tarde do 1.º dia foi ocupada na FILDA — Feira Internacional de Luanda — apreciada em todos os seus pormenores.

Dia 30, pelas 6 e meia da manhã, demos início à nossa viagem pelas várias cidades de Angola.

Almoçámos em Gabela. A caminho para Novo Redondo visitámos a CADA — Companhia Angolana de Agricultura — e suas instalações magníficas. Deixou-nos impressão de agrado, o bem-estar dos seus empregados, quer brancos ou africanos, e o modelar serviço de assistência e promoção social.

Assistimos à exibição dum filme explicativo das várias fases que sofre o café até ao momento de ser comercializado. Foi-nos dado saboreá-lo com prazer.

Chegámos, já noite dentro, a Novo Redondo.

Abro aqui um parêntesis, para vos dizer, ter feito uma chamada telefónica para a Casa do Gaiato de Benguela. Foi no fim do jantar e atendeu-me o nosso Padre Manuel António. Foi tal o seu espanto, que não queria acreditar. Sim, pois, por alteração do programa, passava por Benguela no dia seguinte.

Cerca do meio-dia, chegámos à linda cidade de Benguela, cujo distrito tem cerca de 500.000 habitantes.

Como havia combinado com o Padre Manuel, foi ao hotel que me veio buscar, para um salto àquela nossa Casa. Com que emoção nos abraçámos! E aqueles colegas, que há longos anos não via!

Pelo que me foi dado observar, Benguela tinha-me encantado. Fiquei a gostar da cidade e da sua Casa do Gaiato.

Benguela é, de facto, um

# Por terras de Angola

grande jardim, nesta Angola imensa.

Foi breve esta visita, pois o nosso programa estava deveras tomado. Despedimo-nos com saudade.

Partida para o Lobito. Aí, começámos pelo porto, importante na economia de Angola pelo que representa para o escoamento da mercadoria dos nossos vizinhos do Zaire e da Zâmbia, da sua riqueza mineira.

Porto do Lobito e Caminhos de Ferro de Benguela ocupam uma posição de alto valor económico, social, político e estratégico.

Um carregado programa de visitas e recepções, fez com que partíssemos com atraso para a estação de Benguela, onde embarcámos no comboio que nos transportou a Nova Lisboa. Foram 14 horas, algumas delas em marcha lenta, pela dificuldade da locomotiva em vencer traços muito difíceis. Serpenteando pelas montanhas a perder de vista, é que os ia vencendo.

Pouco passava das 8 horas da manhã, do dia 2, quando chegámos a Nova Lisboa. Como segunda cidade de Angola e uma das principais de todo o território nacional, Nova Lisboa é uma grande e linda urbe, com um parque industrial em constante expansão.

Visitámos a Missão Católica do Canhe. Vimos um mercado nativo e a «estufa fria» desta cidade do planalto central. No dia 3, principiámos por visitar o Instituto de Investigação Agronómica de Angola, e acabámos na Escola de Aplicação Militar.

Dia 4, fizemos as malas e rumámos para o aeroporto de Nova Lisboa a tomar o avião da DTA, que nos transportou a Carmona.

Aqui fomos recebidos pelo Governador deste Distrito que nos fez uma exposição clara, acerca de todas as actividades do Uíge, de como decorre a sua defesa. Visitámos um dos aldeamentos do Uíge; a Cooperativa Agrícola de Calumbo, onde os seus 336 sócios, todos africanos, pequenos proprietários de café, entregam o mesmo, sendo transacionado sem intermediários.

Pelo meio da tarde, deslocámo-nos à Junta Provincial de Povoamento do Negage. Aqui se dirigem aquelas famílias que desejam fixar-se. Neste Colonato, o maior número de famílias são da Madeira e Açores.

Dia 6, estivemos no Instituto do Café de Angola. Aqui é estudado todo o serviço relacionado com o café, desde a plantação à colheita: das qualidades, das doenças, como tratá-las...

Não se limita o Instituto somente à parte técnica, mas também à promoção social junto das populações cafeeiras, destacando-se o serviço de assistência social, com educadoras de infância e educadoras

sociais. Esta acção abrange os Distritos do Uíge, Quanza-Norte e Amboim. Esta região do Uíge, produz 45% de todo o café de Angola.

No Comando Militar da zona foi-nos feita uma narrativa completa de toda a acção desenvolvida e seus resultados.

Se, porventura, ignorássemos a situação por que passou esta terra martirizada de Carmona, depois dos acontecimentos trágicos de 1961, não dávamos fé, pois ora vive-se com alegria, trabalha-se com amor e confia-se no portuguesismo de todos os seus habitantes.

De tarde, outra visita a um local não menos mártir — Quiexé. Foi aqui, que em 15 de Março de 1961, irrompeu o terrorismo.

Pela brisa fresca da manhã, deste dia 7, deixámos Carmona, rumando para as Quedas do Duque de Bragança.

Chegou a altura de novo parêntesis. É que, nestas terras, 800 quilómetros não representam grande distância. Eis porque me resolvi a comunicar a Padre Telmo, da Casa do Gaiato de Malanje, onde me encontrava. Foi quanto bastou, para que ao meio da tarde, o Júlio da Silva e o Fernando Dias, viessem ao meu encontro até à Pousada.

Aqui estou, no Mosteiro da Trapa, da Bela-Vista, onde vim passar uns dias, enquanto Padre Carlos se entretém com a nossa Casa do Gaiato de Benguela.

Aqui o silêncio é rei. Os eucaliptos, os pinheiros e os cedros são os muros do palácio. Meu quarto dá mesmo para o cemitério do Mosteiro e dali só vem o silêncio da Eternidade.

O sol deste planalto é a luz benfazeja que ilumina um mundo a perder de vista!

Lá mais longe uma Missão Católica onde se preparam pro-

fessoras, acompanhadas pelas Irmãs Teresianas.

Daqui, mais do que lá fora, todo um mundo à nossa frente — à espera de quem lhe mate a fome; fome de cultura, de fé, de tudo. Um mundo virgem

sobre a existência de bastardos mestiços, conhecidos antes e rejeitados depois. Será legítima esta atitude?... A maior parte das vezes alija-se a carga de qualquer maneira, com a indiferença de quem afasta um estorvo. O meu interlocutor quer prestar, custe o que custar o carinho que deve aos filhos e lhes não pode dar: «Eu queria encontrar quem lhes desse carinho».

Nós somos para os mais pobres, para os mais abandonados... E a mão que também devemos a este irmão que sofre por fazer sofrer?...

— Senhor, o que farias Tu?...

Num território como a África,

rico em recursos hidroelétricos, o Rio Quanza destaca-se como o maior de Angola; nasce no planalto central e estende-se por cerca de 1.300 Km.

Na manhã do dia 10, no Cinema Estúdio de Luanda, tivemos mais uma troca de impressões com o Director dos Serviços de Informação. Foram vários os intervenientes, desejosos de saber tudo com mais rigor e verdade.

Caminhámos para o fim da nossa estadia em Angola. Ainda visitas ao Hospital Militar de Luanda. Emissora Oficial e «Diário de Luanda» e também ao Senhor Governador Geral.

Deixámos Luanda, passavam 20 minutos da meia-noite. Era o dia 12 de Setembro. A TAP encarregou-se de nos levar e de nos trazer e toda a sua tripulação foi de uma atenção extrema. Aterrámos em Lisboa, ainda coberta de bruma, na manhã desta quarta-feira cinzenta.

Na tarde desse dia, encontramos-nos todos no Palácio de Queluz, a fim de saudarmos o Senhor Presidente do Conselho. A todos falou e com todos trocou impressões.

Recordo, emocionado, quando o Senhor Prof. Marcelo Caetano me cumprimentou. Depois de lhe ter dito que representava «O Gaiato», fazendo parte da Imprensa Regional, disse-me a sorrir: «Conheço muito bem. Mas «O Gaiato», não é regionalista, é nacionalista!». E eu fiquei contente!...

Manuel Pinto



## FILHOS ILEGÍTIMOS

Cont. da PRIMEIRA página

peito por aquele homem que não enjeita os filhos da sua fraqueza, perante o drama de um lar que os não acolhe: «O senhor sabe o que são madras-tas...?».

E fiquei a pensar, uma vez mais, como a grande fome, a fome essencial que devora o mundo, é a carência de carinho, de acolhimento aos que não têm culpas, de perdão para os que caíram e assumem as consequências da sua falta.

Este é um drama vulgar nestas latitudes (porventura em todas...) onde um lar legítimo se constitui vastas vezes

que está cheio de riqueza que ele mesmo desconhece. Pequenos que somos, às vezes sentimos-nos perdidos diante de tarefa tão aliciante — mas humilhados pela nossa pequenez.

No silêncio conseguimos falar com todos — os de perto e os de longe — que nem a distância é capaz de separar nem vencer a força que um mesmo Ideal nos prende.

Aproveito estes breves dias para pôr em ordem certos pontos da minha vida — um deles, o correio.

Ontem, num encontro com os membros desta Comunidade, falámos das linhas mestras da nossa Obra. Se fugirmos a elas... aí de nós, aí do sinal que a Obra é, mesmo nos tempos de hoje; creio que mais que nunca nos tempos de hoje. Os homens olham para nós como um sinal de salvação, de caminho certo, mesmo que seja contestado por alguns...

(De uma carta do Pe. Manuel António)

